



## O VALOR DE PERMANÊNCIA DO RÁDIO UM ESTUDO DOS EFEITOS PELA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO<sup>1</sup>

Márgda Rodrigues Da Cunha  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### RESUMO

O trabalho resulta de pesquisa de tese de doutoramento e propõe-se a demonstrar o valor de permanência do rádio ao longo de um século de existência, à luz da Estética da Recepção, proposta por Jauss (1994). Nesse período de existência, o meio radiofônico sofre mudanças e adaptações, sob diferentes aspectos, e atravessa o século XX. Tal variável mostra-se significativa para uma proposta de estudo da recepção, utilizando uma teoria própria dos estudos literários para analisar outro objeto, neste caso, um meio de comunicação de massa.

*(...) – Ninguém pode ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado de meia dúzia. Além disso, não importa ler, senão reler. A imprensa, agora abolida, foi um dos piores males do homem, já que tendeu a multiplicar até a vertigem textos desnecessários.*

*– Em meu curioso ontem – respondi – prevalecia a superstição de que entre cada tarde e cada manhã ocorrem fatos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros coletivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém sabia a história anterior desses entes platônicos, mas sim os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes mandavam, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão que era própria do gênero. (...)*

*(...) – Atingidos os 100 anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. Os males e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce alguma das artes, a filosofia, as matemáticas ou joga um xadrez solitário. Quando quer, se mata. Dono de sua vida é também dono de sua morte.*

*Trata-se de uma citação? – perguntei.*

*Certamente. Restam apenas citações. A língua é um sistema de citações.*

*E a grande aventura de meu tempo, as viagens espaciais? – disse.*

*Fazem já séculos que renunciamos a essas translações, que foram certamente admiráveis. Nunca pudemos nos evadir de um aqui e um agora. (...)*

*(...) Atrevi-me a perguntar:*

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*Ainda há museus e bibliotecas?*

*Não. Queremos esquecer o ontem, salvo para a composição de elegias. Não há comemorações nem centenários, nem efígies de homens mortos. Cada qual deve produzir por sua conta as ciências e as artes de que necessite. (...)*

*(...) Depois de caminhar 15 minutos, dobramos à esquerda. Ao fundo, divisei uma espécie de torre, coroada por uma cúpula.*

*– É o crematório – disse alguém. – Dentro, está a câmara letal. Dizem que foi inventada por um filantropo cujo nome, creio, era Adolfo Hitler. (...)*

Os fragmentos do conto de Jorge Luis Borges, *Utopia de um homem que está cansado* (1995), fazem referência a algumas marcas do século XX como a imprensa, as viagens espaciais ou os resultados da guerra e encaminha a narrativa para uma época de incertezas, onde tudo terá perdido o sentido que até então lhe fora atribuído.

Se o pensamento de Borges revela certo pessimismo em relação ao futuro, Lévy (2001:12) afirma que

*o mundo que se edifica hoje não é 'perfeito', no sentido de que não corresponde efetivamente a nenhuma idéia preconcebida. Ele não é tranquilizador nem protetor. Surpreendente, ele está incessantemente no limite do caos e da desorganização. Mas é precisamente nessa borda da ordem e do caos que se situam a invenção e a energia espiritual máxima. (...) Na grande roda da vida, os dois movimentos, nascimento e morte, são complementares.*

O período descrito por Borges marca também o horizonte histórico de surgimento e desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa. Rádio e século XX escrevem de forma integrada a sua história. Por isso, servem ao objetivo deste trabalho. Reúnem variáveis importantes para uma proposta de estudo da recepção utilizando uma teoria própria da literatura – a Estética da Recepção – para analisar outro objeto, neste caso específico, um meio de comunicação de massa. É objetivo deste estudo verificar o valor da permanência do rádio, meio que passa por diferentes mudanças e adaptações e se mantém ao longo de um século.

As constantes transformações sociais e tecnológicas tornam os estudos de recepção uma atividade complexa. Muitos são os limites impostos pelas próprias teorias quando relacionadas ao objeto. Cultura, linguagem e historicidade são fatores envolvidos na multiplicidade de sentidos que recobrem a comunicação. Por isso, é necessário considerar permanentemente compreensão e interpretação. É importante avaliar o presente, levando em conta o passado, entendendo que a recepção em um momento ocorre a partir da fusão de horizontes históricos do passado, chegando ao presente. O processo é complexo e, como afirma Morin (1995), os pensamentos fracionais, que fragmentam tudo o que é global, ignoram por natureza o complexo antropológico e o contexto planetário. Mas não basta inscrever todas as coisas e os acontecimentos num quadro ou horizonte planetário. Trata-se de buscar sempre a relação de inseparabilidade e de inter-retro-ação entre todo fenômeno e seu contexto e de todo o contexto com o contexto planetário.



Considerando tais fatores, é possível apropriar-se da Estética da Recepção, uma teoria criada para analisar o literário, para avaliar a recepção em comunicação, em especial o rádio. A proposta apresentada por Jauss nos anos 60 define que o leitor é responsável pela atualização dos textos e garante a historicidade das obras literárias. Esta historicidade não resulta da produção em certa data e sim da circunstância de ainda ser lida e apreciada em diferentes épocas.

O mesmo texto literário atravessa diferentes horizontes, mantendo sua forma. Os meios de comunicação sofrem alterações tecnológicas e de conteúdo. Todavia, como afirma Jauss, a conexão histórica em que aparece uma obra literária não é nenhuma sucessão fática de acontecimentos. O acontecimento literário segue atuando quando, entre os indivíduos da posteridade, se encontram leitores que queiram apropriar-se de novo da obra literária ou autores que queiram imitá-la, superá-la ou rebatê-la.

Mesmo sofrendo modificações, os meios de comunicação encontram na audiência, dentro de uma conexão histórica, apropriação, imitação, superação ou contrariedade. Um meio pode ser inventado em um determinado momento histórico e não ter receptividade naquele horizonte. É possível que, posteriormente, seja reavaliado e aperfeiçoado, encontrando um fim para sua existência a partir do processo de recepção.

Um meio de comunicação acumula mudanças expostas ao público, que o compara com a tradição e os elementos de sua cultura e de seu tempo, incluindo-o ou não como componente de seu horizonte de expectativas. A partir disso, como define o pensamento de Jauss para o texto literário, mantém seu horizonte como era ou prepara-o para novas leituras da mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. É este processo de recepção, uso e apropriação que determina a permanência, evolução ou mesmo desaparecimento dos meios.

O rádio é um meio que evolui e sofre modificações ao longo do século XX. Por isso, sua trajetória pode ser utilizada como caso para estudo da comunicação por intermédio da Estética da Recepção. Na passagem do século XIX para o século XX, as experiências da física levam à transmissão de sinais a distância. Estas iniciativas aperfeiçoadas chegam ao rádio, que começa a transmitir a palavra. A própria sociedade, reconhecendo o impacto, busca formas para sua evolução, profissionalização e manutenção econômica. É esta mesma sociedade que começa a se apropriar das possibilidades tecnológicas que o meio oferece. O uso determina seu aperfeiçoamento e evolução. Esta trajetória representa as respostas por intermédio das quais é possível reconstruir os diferentes horizontes históricos em que se dão tais processos.

Num segundo momento, o rádio transforma-se em meio de massa, sendo utilizado como veículo de propagação de ideologias. Sofre, logo depois, o impacto da evolução da televisão e passa por alterações, como a miniaturização pelo transistor, que o mantém até o final do século, período em que enfrenta a tecnologia digital e a Internet.

A linguagem oral é a base da transmissão da palavra por meio do rádio. Por isso, neste estudo, são consideradas as questões da oralidade, relacionadas à linguagem, cultura e narratividade. Barthes (1988) afirma que o texto é espaço de múltiplas dimensões, com origem na cultura, que é também linguagem. Estes fatos também são aqui levados em conta por aproximarem rádio e literatura, ambos inseridos na cultura e dela sofrendo influência, relacionados a regras com origem na lógica da narrativa.



A Estética da Recepção define que a atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. Inseridos nestes horizontes históricos estão ainda oralidade e escrita, meios de transmissão da palavra, escolhidos pelo rádio e pela literatura.

Jauss define na Estética da Recepção a necessidade de entender os efeitos das obras e acontecimentos do passado, desde a perspectiva do leitor contemporâneo, sobre quem ainda repercutem efeitos dos movimentos ocorridos em outras épocas. O teórico divide seu projeto em sete teses, onde as quatro primeiras têm caráter de premissas, oferecendo as linhas da metodologia explicitada nas três últimas. A primeira postula o caráter histórico da literatura, propondo remeter a um tempo de leitura, à historicidade da obra literária, atualizada pelo leitor, indivíduo capaz de efetivá-la.

A segunda tese propõe a consulta às obras, considerando que, na medida em que participam de um processo de comunicação, apropriam-se dos códigos vigentes. A terceira tese trabalha com a reconstituição do horizonte de expectativas e a verificação da distância estética, grau de ruptura da obra em relação ao horizonte histórico. A quarta examina melhor as relações do texto com a época de seu aparecimento, considerando a fusão dos horizontes históricos, aparentemente independentes um do outro. O programa metodológico investiga a literatura sob tríplice aspecto. O diacrônico (tese 5) é relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo, o sincrônico (tese 6), mostra o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas. A tese 7 está no relacionamento entre a literatura e a vida prática.

A quinta tese considera que, para situar uma obra na sucessão histórica, é preciso levar em conta a experiência literária que propicia. Jauss entende que a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social. A arte não existe para confirmar o conhecido, mas para contrariar expectativas, emancipar.

No presente estudo, são consideradas as quatro primeiras teses de Jauss, pois a quinta, propondo a emancipação do leitor, que não fica indiferente, é compromisso da arte e não da comunicação massiva. A inquietação do público pode motivar o aperfeiçoamento das invenções. Na literatura, a emancipação resulta de um mesmo texto, que provoca rupturas e faz com que o leitor prepare-se para receber outros textos da mesma ordem. No caso dos meios de comunicação, a audiência é preparada para inovações e alterações, oriundas da evolução tecnológica, que oferece possibilidades novas em processos de transmissão de informação e comunicação.

Neste sentido, considerando tecnologia que muda em sua forma, como objeto de estudo, é possível trazer o pensamento de Morin (1999), para quem a educação habituou a humanidade a uma concepção linear da causalidade. O autor entende como importante o conceito de circularidade, descrito pela primeira vez por um especialista em cibernética. Para compreensão da idéia de circularidade retroativa, Morin (1999) busca o exemplo de um sistema de aquecimento central. Uma caldeira alimenta os radiadores e quando é atingida a temperatura desejada, um termostato faz parar o funcionamento da mesma. Se a temperatura baixa, um termostato faz funcionar a caldeira novamente. Há, em conseqüência, um sistema onde o efeito atua retroativamente sobre a causa.



Passando a outra esfera, ele considera que a vida é um sistema de reprodução que produz indivíduos. Filhos são produtos da reprodução dos pais e devem se tornar produtores e reprodutores para que o processo continue.

*Da mesma maneira, somos produtores da sociedade, porque sem indivíduos humanos não existiria a sociedade mas, uma vez que a sociedade existe, com a sua cultura, com os seus interditos, com as suas normas, com as suas leis, com as suas regras, produz-nos como indivíduos e, uma vez mais, somos produtos produtores. Produzidos a sociedade que nos produz (Morin, 1999:22,23).*

Assim, uma tecnologia de comunicação surge, é avaliada pela audiência dentro do horizonte de expectativas no qual emerge, é assimilada ou rejeitada. A aceitação entra em processo de evolução retroativa, levando a modificações em forma e conteúdo. A rejeição pode levar ao desaparecimento e ressurgimento posterior ou não. As tecnologias em comunicação entram em processo de circularidade retroativa de evolução, motivadas pelos efeitos que causam nos diferentes horizontes. Não emancipam na direção de um pensamento, mas pelo desejo de uma possibilidade cada vez mais aperfeiçoada.

Castells (1999) afirma que a habilidade ou a inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino, tornando possível afirmar que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia ou sua falta, incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.

Para análise do meio radiofônico, nesta pesquisa, são recortados quatro horizontes de expectativas nos quais o veículo está inserido: o primeiro situa-se de 1890 a 1925, período em que ainda não é um meio massivo, mas uma experiência de transmissão de sinais a distância; o segundo abrange de 1925 a 1950, quando ele organiza-se e consolida-se como meio de massa; o terceiro horizonte abrange o período de 1950 a 1975, em que o rádio sofre modificações para concorrer com a televisão, tornando-se portátil pela invenção do transistor, quando também finda o seu período áureo. O quarto horizonte de análise começa em 1975 e chega à passagem do século XXI, quando o veículo se adapta à tecnologia digital e à Internet.

Os recortes são feitos a partir da própria história evolutiva do rádio, considerando também as avaliações de historiadores sobre o século XX e como ele se divide. Barbeiro (2001) considera que o rádio vive três momentos cruciais: invenção e propagação pelo mundo, o advento da televisão e o desenvolvimento da Internet. Nesta pesquisa, é considerado o recorte proposto por Flichy (1993) para quem invenção e propagação representam momentos separados.

Mas afinal, qual o valor de permanência do rádio?

O valor de permanência do rádio ao longo de sua história é tema de ampla discussão, talvez tanto quanto sua paternidade, no início do século XX. O meio enfrenta diferentes anúncios de desaparecimento diante de cada nova tecnologia que se apresenta, também respondendo a questões dos diferentes horizontes. Porém, esses anúncios perdem o sentido, no momento em que o rádio demonstra sua capacidade de adaptação aos diferentes horizontes de expectativas, especialmente por seu poder de mobilização das audiências e pelos



efeitos que é capaz de provocar junto ao público. A Estética da Recepção aponta que a atualização de um texto literário está nas diferentes leituras que suscita ao longo do tempo. Para o rádio, esta atualização está nas diferentes leituras a partir das apropriações que faz do código vigente para sua modificação tecnológica e de conteúdo, adaptando-se às condições da audiência.

A teoria propõe ainda que pela resposta dada pela obra é possível reconstruir as perguntas dos diferentes horizontes. Sem dúvida, conforme define a quarta tese de Jauss, é preciso considerar que estes horizontes se fundem ao longo da história e, por isso, não é possível lançar um olhar atual a uma época passada. É necessário, paralelamente, observar os horizontes. O que viria a ser o rádio, no início do século, é apenas uma experiência de transmissão de sinais a distância. É muito mais uma resposta da tecnologia e dos estudos científicos do que o meio em si. O mundo passa por significativas mudanças, em grande velocidade, especialmente sob o aspecto tecnológico. É o período da revolução Científico-Tecnológica. As pessoas migram para diferentes países, deixam o campo e passam a residir nas cidades. A pergunta é realmente por uma tecnologia capaz de proporcionar-lhes comunicação.

Esta resposta de transmissão a distância evidencia também o primeiro conflito mundial, do qual resultou como fracasso, a dificuldade de comunicação. Invenções básicas e necessidade de uso chegam ao segundo horizonte do século, onde a sociedade encontra então uma utilização para o rádio, que se transforma em meio de massa. Este pode ser considerado um período com grandes repercussões. O rádio responde como meio de massa por uma busca da sociedade, ansiosa por informação, entretenimento e também uma ambição dos governos em chegar às populações com maior facilidade. O rádio teve sua época áurea no segundo horizonte do século, porque as perguntas apontam para o desejo de um meio que ajude na organização pós Primeira Guerra e também colabore na comunicação na Segunda Guerra.

As propostas dos autores da época, a exemplo de Brecht, demonstram os efeitos que o rádio é capaz de suscitar. Além disso, causa fascínio pela possibilidade de transmissão da música e da voz humana. Não é mais uma voz que vem de dentro, da consciência, no pensamento da filosofia, conforme registram alguns autores, mas uma voz que vem de fora e acompanha o ouvinte por todas as partes, lembrando ainda o pensamento de McLuhan, que fala em envolvimento total. O segundo horizonte é aquele em que governantes usam o rádio em maior escala.

O terceiro horizonte expressa acentuado uso do meio, por parte das correntes políticas ditas de esquerda. O período está definido por uma força dos jovens e por movimentos políticos. E isto pode ser reconstruído a partir de um olhar para as respostas do rádio. No momento em que enfrenta a expansão da televisão, responde com as rádios livres. Elas são elementos fundamentais nas lutas políticas da esquerda, em diferentes países, especialmente da Europa, e também surtem grande efeito utilizadas por estudantes.

Tecnologicamente, o transistor é um dos mais significativos inventos para o rádio. Criado em 1947, passa a ser realmente utilizado após os anos 50. Torna o meio radiofônico complementar à televisão e responde à pergunta de um período em que a individualidade das pessoas está acentuada. Os indivíduos são considerados consumidores em potencial das novidades tecnológicas fabricadas em larga escala. Além disso, o período define a miniaturização em diferentes áreas e o interesse é pela portabilidade, que amplia o alcance e o mercado.



No quarto horizonte do século, o rádio é considerado o meio que mais sofre modificações em sua história, tem uma origem complexa, datada do início do século XX, mas é capaz de co-existir em diferentes formas. Seu suporte básico permanece sendo o áudio. Porém, agrega imagens para estar presente na Internet e a tecnologia digital propicia grande abrangência de suas mensagens. É responsável por informação diversificada e pela criação de diferentes gêneros de programação, inclusive os que migraram para a televisão nos anos 50. Por existir na Internet, propicia que os ouvintes possam criar sua própria emissora na *web*. Proporciona que emissoras analógicas também existam na Internet ou apenas apareçam em páginas informativas.

Sem dúvida, numa época em que a sociedade existe em escala mundial e precisa se comunicar na mesma proporção, a resposta do rádio é neste sentido. A mobilidade virtual da sociedade conta com esse meio. A busca por participação social e exercício de cidadania tem também a colaboração do rádio. Pela tecnologia digital, as mensagens podem chegar a qualquer parte do mundo. O rádio a pilha, porém, ainda é um meio muito utilizado.

A idéia de abrangência é sempre citada para o rádio por ser um meio ligado à audição. Com isso, tem maior alcance, atingindo populações geograficamente distantes dos grandes centros urbanos e analfabetos. A portabilidade, propiciada pelo transistor, é um dos elementos importantes para tal alcance. Num período de tecnologia digital, o rádio soma a esta abrangência a possibilidade de transmissão de uma mesma mensagem de caráter local, por exemplo, em esfera mundial. Um indivíduo pode criar sua emissora na Internet, fazê-la falar para o mundo ou apenas para um grupo de amigos. Realmente, o rádio se modifica, respondendo aos questionamentos dos diferentes horizontes, suscitando forte efeito junto às audiências, mas um aspecto permanece como fio condutor destas alterações: sua existência em áudio, mesmo que seja complementado por imagens.

A proposta de Jauss sugere a consulta às obras, que participam de um processo de comunicação e para ser compreendidas, apropriam-se de elementos do código vigente. A consulta ao percurso do rádio no século XX e início do século XXI revela importantes respostas. Certas variáveis podem ser isoladas e somadas à linguagem do áudio. Em sua origem, o rádio é transmissão de sinais, passando à emissão da palavra oral. Esta palavra é emitida por uma tecnologia pesada, os rádios à válvula. Todavia, a voz, pelo envolvimento por inteiro que proporciona e por acompanhar as pessoas onde quer que estejam, precisa estar associada a uma tecnologia com mobilidade semelhante. A invenção do transistor torna o rádio com tecnologia condizente à mobilidade da voz. McLuhan afirma que não se fala no som chegando a uma parte, mas ao ambiente inteiro.

O desejo humano de levar aquela voz para além de sua casa torna o rádio portátil a partir do transistor. Enfrentando a televisão, cujo suporte é a imagem, o rádio segmenta sua programação. Acompanha o ouvinte com voz, tecnologia portátil e conteúdo específico. No final do século, sua abrangência, tendo a voz como base, deve ser ampliada. No horizonte, mais uma vez, está presente o interesse pela comunicação a distância, respondido pela Internet. O rádio torna sua mensagem mundial. Por intermédio de computadores ou de satélite pode chegar a diferentes locais. Os indivíduos podem trabalhar nos computadores e ouvir emissoras de qualquer parte do mundo, simultaneamente, com elevada qualidade de som.

Outro fator é significativo na trajetória do rádio: o meio agrega condições, modificações e possibilidades, mas não abandona as características anteriores. A televisão, por exemplo, não é o rádio com imagem, mas uma outra mídia que também responde a questões do

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



horizonte. A Internet não é a união de tudo o que existe, mas também um outro meio. O rádio evoluiu a partir das necessidades de modificação e tem sua trajetória específica. Segue existindo a partir da oralidade e da audição. Os rádios a pilha acompanham o público, talvez porque os computadores ainda não possam fazê-lo. Sua mensagem pode se tornar cada vez mais específica, mas mundial simultaneamente.

Nos diferentes horizontes, seu valor segue baseado na capacidade de suscitar efeitos junto à recepção e no poder de mobilização, tendo a voz como suporte. O desafio da permanência, por suas características e modificações tecnológicas e de conteúdo, o rádio já venceu.

A segmentação é um processo irreversível, indicando para a existência de emissoras dedicadas somente ao esporte, economia ou jazz da década de 30. Uma das tendências também é a transmissão do radiojornalismo na faixa FM, que no Brasil é inicialmente adotada pela CBN, conforme relembra Barbeiro (2000), diretor de Jornalismo da emissora. Segundo ele, o público só sintoniza as emissoras que já conhece e não adianta impor uma programação. É possível verificar que, cada vez mais, a recepção seleciona aquilo que lhe interessa e determina, dentro do horizonte de expectativas, o que os meios devem adotar. A fidelidade, conforme Barbeiro (2000), está na identificação do ouvinte com a programação oferecida pela emissora.

Quanto à concorrência com as novas mídias, considera que a maior se dará naquele que classifica como o *templo do rádio*, onde nenhum outro veículo entra, que é o carro. O diretor da CBN informa que a GM estuda um carro em que o rádio é comandado pela voz. O ouvinte pode pedir para que sintonize uma emissora, não a do ar, mas a da Internet. Com essa interatividade, o meio perde o controle sobre o ouvinte, passando o ouvinte a ter controle sobre o rádio.

Sob essa ótica da evolução tecnológica, é importante buscar as afirmações de Negroponte, ainda em 1995. O autor de *A vida digital* diz que, para a maioria das pessoas, a digitação não é a interface ideal. Entretanto, os computadores permanecem sendo surdos e mudos. Cabe registrar que, no final do século XX, as pesquisas já estão bem mais avançadas. A razão de tão poucos avanços nesta área, afirma Negroponte (1995), não é a falta de tecnologia, mas de perspectiva adequada. Sugere que uma das maiores qualidades da fala é o fato de as mãos permanecerem livres.

*Quando vejo pessoas com as cabeças erguidas junto à tela, falando, penso comigo mesmo: será que esqueceram que uma das razões para se usar a voz é o fato de se poder empregá-la a distância?*  
(Negroponte, 1995:133)

Observa que de igual importância é a capacidade de usar o computador para além do alcance do braço, *um computador capaz de me ouvir a distância*, o que requer uma solução para o problema da separação da fala dos demais sons ambientes, como o som produzido pelo ar condicionado ou por um avião no céu. A fala vai também além das palavras, na medida em que possui subportadores de informação. A maneira de dizer algo pode ser muito mais importante do que aquilo que é dito, o tom de voz é muito importante.



*A palavra falada carrega vasta quantidade de informação além das palavras em si. Ao falarmos, podemos transmitir paixão, sarcasmo, exasperação, ambigüidade, subserviência e cansaço – tudo isso por intermédio das mesmas palavras. No reconhecimento da fala pelos computadores, essas nuances todas têm sido ignoradas ou, pior, tratadas como defeitos em vez de qualidades. E, no entanto, são elas as características que tornam a fala um veículo mais rico do que a digitação (Negroponte, 1995: 135).*

Mas quando aborda a evolução da fala junto aos computadores, Nicholas Negroponte faz uma outra relação que lembra exatamente a evolução do rádio. Para ele, neste novo meio as pessoas vão se surpreender falando tanto ou mais com as máquinas do que com outros seres humanos. E o que vai fazer com que essa ubiqüidade da fala ande mais rápido hoje do que antigamente é a miniaturização. Os computadores estão se tornando cada vez menores. A tendência conduz ao aperfeiçoamento da sintetização e do reconhecimento da fala que se torna a interface homem-máquina predominante no tocante a objetos pequenos, conforme prevê o professor do MIT. A tecnologia celular também se desenvolve rapidamente e em 2001 entram em operação no Japão aparelhos capazes de receber sinais de áudio e vídeo.

A força da palavra falada está, antes de tudo, ligada à linguagem e à cultura. O rádio, tendo como suporte esta palavra falada, que é também oralidade e áudio, insere-se na cultura. Muitas são as controvérsias que acompanham a permanência ou não da oralidade, especialmente se comparada à escrita. Todavia, são suportes com características diversas e que não podem ser comparados, mas considerados dentro de uma mesma cultura.

A oralidade está ligada aos primórdios da existência humana e, mesmo com a evolução das espécies, é uma marca nunca abandonada. O rádio, de certa forma, imita esta trajetória. Está baseado no áudio, na oralidade, e assim como a espécie humana evolui e se modifica, mas acumula características dos diferentes horizontes. E é esta capacidade de acumular e de respeitar a fusão dos períodos históricos é que o faz permanecer. Definida pelos autores como primária, secundária ou mista, a oralidade está presente nas diferentes sociedades. O que permanece é a vocalidade e a audição. O rádio se mantém porque segue este caminho. Com a oralidade, as grandes polêmicas, historicamente, ganham lugares públicos, seja pela poesia na Europa dos séculos X ao XV, seja no século XX pelos meios de comunicação massiva.

Assim como outros meios têm sua trajetória própria, a escrita não se confunde com a voz. Tem seu ritmo próprio de desenvolvimento. O texto falado é um novo texto, uma vez que as diferentes formas de expressão oral têm forte influência sobre a escritura. Trata-se de uma nova produção de sentido, seguindo o pensamento de Barthes ou um novo fato a partir da narração, conforme pensa Rodrigues.

As diferentes sociedades encontram meios específicos, como o rádio para a voz, a impressão para a escrita e assim por diante. Os meios respondem, são apropriados e se acomodam às exigências da humanidade, convivendo, estacionando ou, em muitos casos, desaparecendo. Isto ocorre conforme o efeito e o preparo social para sua utilização. Estão nesta base o fato de o ser humano ser predominantemente visual e verbal. Não há sociedade sem música e sem palavra. Oralidade permanece sempre sendo oralidade, mas existindo por intermédio de diversas formas de transmissão da palavra criadas pelo homem.



O que permanecem são certas regras cuja origem, segundo Barthes, vêm de uma lógica milenar da narrativa, de uma forma simbólica que constitui as pessoas antes de seu nascimento. Vêm do imenso espaço cultural do qual a humanidade é apenas uma passagem. E, se essas regras integram a cultura, estruturam-se pela linguagem e pelas formas de narrar, definindo também os meios tecnológicos e os seus conteúdos. Sociedade, história e tecnologia estão integradas neste sentido.

Nesta pesquisa, especificamente, é investigada a trajetória do rádio, suas respostas aos diferentes horizontes de expectativas e seu valor de permanência. O resultado evidencia um meio baseado na oralidade, que evolui respondendo às perguntas dos diferentes horizontes históricos, causando efeitos junto às audiências, obedecendo às regras da cultura, por intermédio da linguagem, tanto tecnologicamente, quanto em conteúdo.

Jauss coloca sobre o leitor a responsabilidade pela atualização dos textos literários, que garante a historicidade das obras. Tal historicidade, como define o autor, não resulta do fato de um obra ter sido produzida em uma certa data, o que afasta a idéia de cronologia, mas de ainda ser lida e apreciada na posteridade. Rádio e literatura são meios de produção cultural diferentes. Os suportes do rádio são a oralidade, a voz, a audição. A literatura encontra no livro impresso a sua forma de transmissão da palavra. O que os aproxima são as regras milenares da narração, da cultura e da linguagem, integradas em períodos históricos que se mesclam.

Rádio e público estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. O rádio se torna o campo em que horizontes do autor e do leitor (considerado audiência da emissão radiofônica) podem identificar-se ou estranhar-se. O objetivo foi verificar a distância, as diferenças entre as expectativas e a forma concreta do rádio e seus efeitos nos diferentes horizontes, conforme propõe Jauss, na Estética da Recepção. Pelas respostas do rádio, nas diversas formas como foi se adaptando e modificando, tornou-se possível reconstruir as perguntas dos horizontes. Todavia, a reconstrução destes horizontes históricos é fator determinante para a investigação. A valorização dos inventos, e neste caso do rádio, se dá na medida em que ele produz alteração ou expansão do horizonte de expectativas do público por opor-se às convenções conhecidas e aceitas por este.

O processo de recepção radiofônico ocorre quando o público, tendo comparado o meio com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. No início do século XX, o distanciamento ocorre pela transmissão de sinais a distância. As experiências fazem parte de uma sociedade que questiona pela evolução tecnológica e deseja comunicar-se. No segundo horizonte aqui definido, o rádio passa a ser meio de massa, pois a sociedade encontra esta finalidade para ele. Isto, especialmente, pela possibilidade tecnológica que oferece e pelas perguntas presentes na época.

No terceiro horizonte, quando enfrenta o desenvolvimento da televisão, tecnologicamente, o rádio responde pelo processo de miniaturização com a invenção do transistor. Dos anos 70 à passagem do século XXI, o rádio aceita a imagem, na Internet, e pela tecnologia digital, transmite suas mensagens a qualquer parte do mundo. Em todos estes momentos, o meio tem forte efeito junto à audiência, fundamentalmente pelas possibilidades de transmissão da informação que oferece. Independente do lugar – inventores, público ou políticos e líderes que se apropriam – tem elevado impacto junto à sociedade.



A ruptura aqui verificada ocorre por distanciamento e posterior aceitação, pois passa a uma possibilidade tecnológica mais desenvolvida e adequada à evolução humana. Também por se tratar de um meio de massa, a ruptura não é estética, pois trata-se de característica da arte. Entretanto, é preciso considerar que há inventos, dos quais a sociedade se apropria ou não em determinadas épocas, independente do grau de facilidade tecnológica que proporcionem. As primeiras experiências em televisão ou com computadores ocorrem antes de estas duas tecnologias atingirem elevado grau de utilização.

O pensamento de Pool (1992:88) é importante na avaliação tanto da evolução histórica e tecnológica, quanto dos usos sociais dos inventos. Afirma que é fácil interpretar a evolução dos meios e sua influência social como um tipo de determinismo tecnológico. *Nossas vidas mudam pelas ferramentas que utilizamos. Mas também existe uma interação entre os utilitários e as idéias dos homens sobre como utilizá-los.* O aparelho não predestina as coisas para as quais é usado. Isso surge de uma interação entre aquilo para o que a tecnologia é útil e o que as pessoas querem e estão preparadas para pensar. Os determinantes não são somente a tecnologia, mas também um conjunto de idéias com as quais os inovadores enfocam o novo invento.

Este conjunto de idéias integra o horizonte de expectativas, onde se inserem cultura, linguagem e formas de narrar. A interação citada por Pool (1992) representa o jogo de perguntas e respostas proposto por Jauss, avaliado através da reconstrução do horizonte.

Castells (1999) diz que as novas formas e processos sociais não surgem em conseqüência de transformação tecnológica, pois a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo.

*Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas (Castells, 1999:25).*

McLuhan (1964) afirma que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos. A mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. *A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos (McLuhan, 1964:22).* O autor diz que é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação da forma das associações humanas.

É possível afirmar que o desenvolvimento do rádio é conduzido pela própria evolução da humanidade. E aí, conforme demonstra a presente pesquisa, está o seu valor de permanência. Sua atualização se dá, sim, pelos efeitos junto ao público, que exige o desenvolvimento tecnológico e também por suas constantes modificações para responder a estes



horizontes. A forma como isto ocorre é o diferencial deste meio. Tendo como suporte básico a oralidade, ligada aos primórdios humanos, ele proporciona tecnologicamente que esta voz transmitida acompanhe as pessoas. Se, inicialmente, esteve associada a móveis pesados, com o transistor está próxima a sua audiência; com a tecnologia digital, ganha escala mundial.

É significativo também, que o rádio trabalha com a idéia não de exclusão, mas sim de complementaridade. Em suas diferentes fases, passa a ser um outro, mas mantém-se um mesmo. Suas diferentes formas tecnológicas ainda convivem. O que norteia, obviamente, são qualidade de som e portabilidade exigidas pela audiência, para receber cada vez melhor a palavra oral. Por isso, a galena, do início do século ou as *igrejinhas*, perdem o sentido. Mas seu fio condutor é constituído pela abrangência e pelo envolvimento proporcionados pelo som. É a sua capacidade de relacionamento com os horizontes, por intermédio da oralidade, da voz, que envolvem por inteiro, que o mantém. Este pensamento está além da idéia de um meio que trabalha com um único sentido: a audição. Seu suporte está neste sentido, mas é a sua mobilidade no trabalho com a palavra oral e a audição, modificando-se para resguardar as marcas de uma narrativa oral ligada à cultura, que garantem a sua existência.

O rádio confirma a idéia de que nenhum meio desaparece diante do surgimento de outro, negando, até o momento, a idéia de substituição. Lévy (1999) avalia as idéias de substituição. Segundo ele, uma crítica por vezes mal fundamentada e freqüentemente abusiva da técnica inibe o envolvimento de cidadãos, criadores, poderes públicos e empreendedores em procedimentos favoráveis ao progresso humano. O autor procura mostrar o erro de pensar que o virtual substitui o real, ou que as telecomunicações ou a telepresença vão pura e simplesmente substituir os deslocamentos físicos e os contatos diretos.

Na esfera cultural, cita o autor, teme-se que os museus virtuais substituam os museus reais, que a visita aos serviços *on-line* dos museus ou dos *sites* dedicados à arte faça cessar o fluxo de visitantes nos prédios que abrigam as obras originais. Mas, através do exame da história, é possível constatar que a multiplicação das reproduções impressas, das revistas e livros de arte, dos catálogos de museus, dos filmes ou dos programas de televisão a respeito de cerâmica, pintura ou escultura não impede – pelo contrário, incentiva a ida aos museus. O rádio acompanha as mudanças e chega a um tempo de diversidade, adequando-se à proposta de complementaridade e não de exclusão de mídias.

E o futuro? O conteúdo é agora uma resposta determinante. Mas como o rádio responde por intermédio do conteúdo é a questão que se impõe. A informação imediata sobre os fatos, característica da transmissão pelas ondas do rádio, especialmente em jornalismo, está se tornando difícil nestes momentos. Emissoras de televisão, também com *sites* na Internet, demonstram maior velocidade, por operarem em rede e terem profissionais nos diversos locais. É um horizonte que se desenha que merece ser investigado, verificando o novo momento do rádio, considerando os efeitos atuais e nos diferentes horizontes históricos.

Entendendo o resultado desta pesquisa como a abertura de possibilidades de outras pesquisas, de efeitos em um presente em movimento, relacionado aos efeitos do passado, é importante considerar: o que caracteriza o momento presente, levando em conta o século aqui descrito, e o que pode ser investigado a partir disto?

O pensamento de Pierre Lévy, no prefácio do livro *Conexão planetária*, é representativo de uma expectativa em relação ao final do século XX. Muitos historiadores e pensadores têm discutido sobre este período da história, considerado um dos mais complexos já

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



registrados. Alguns fatores dessa complexidade estão diretamente ligados ao desenvolvimento da ciência e às possibilidades que ela oferece e ainda pode oferecer.

*Quando eu tinha oito anos, disse a mim mesmo: Mas quando é que as guerras vão acabar? Quando é que a maioria das pessoas irá enfim se dedicar à ciência e ao amor? Eu me perguntava também: que idade terei no ano 2000?, porque imaginava que neste momento as coisas estariam melhores. Eu estava apaixonado pelo futuro: passava meu tempo na biblioteca municipal, lendo livros de física e de astronomia. Eu queria compreender. Quando eu tinha oito anos dizia às pessoas: Vocês verão, iremos até a lua e ainda mais longe. Tratavam-me como uma sonhador. No dia do meu oitavo aniversário marquei um encontro com o ano 2000. Eu dava esse tempo à humanidade para que ela me mostrasse do que era capaz. Não havia outra coisa que me interessasse: o que nós, os humanos estávamos em vias de nos tornar, e eu não mudei. O ano 2000 chegou, eu vi, e decidi tomar o partido da humanidade (Lévy, 2001:11).*

Tomar o partido da humanidade, especialmente quando as questões investigam o futuro, também é aspecto complexo, conforme evidencia o pensamento de Borges (1995), no texto *Utopia de um homem que está cansado*.

(...) – Quando o homem amadurece, aos 100 anos, está pronto para se defrontar consigo mesmo e com sua solidão. Já engendrou um filho.

– Um filho? – perguntei.

– Sim. Um só. Não convém fomentar o gênero humano. Há quem pense que é um órgão da divindade para ter consciência do universo, mas ninguém sabe com certeza se existe tal divindade. Creio que agora se discutem as vantagens e desvantagens de um suicídio gradual ou simultâneo de todos os homens do mundo.

(...)

– Atingidos os 100 anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. Os males e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce alguma das artes, a filosofia, a matemática ou joga um xadrez solitário. Quando quer, se mata. Dono de sua vida, é também dono de sua morte.

Os dois textos refletem diversidade e complexidade nas questões que envolvem a humanidade, impulsionadora da evolução e do desenvolvimento tecnológico. Os diferentes horizontes de expectativas, distante dos quais não é possível investigar efeitos, estão relacionados à apropriação e decisão desta humanidade, passagem do espaço cultural, da linguagem e da narrativa.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de radiojornalismo. Produção, ética e Internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BORGES, Jorge Luis. O livro de areia. São Paulo: Globo, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo: EDUSP, 1996. (Clássicos; 4)

BRAGANÇA, Maria Alice. Internet: o desafio das rádios pessoais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, V, FAMECOS, PUCRS, 2001. Anais... Porto Alegre, 2001.

BRECHT, Bertolt. Teoria de la radio. In: \_\_\_\_\_. El compromiso en literatura y arte. Barcelona: Ediciones Península, 1984.

BRODY, David Eliot; BRODY, Arnold R. As sete maiores descobertas científicas da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANTRIL, Hadley. La invasión desde Marte. In: MORAGAS, M. de (Org.). Sociología de la comunicación de masas. Estructura, funciones y efectos. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. I.

FLICHY, Patrice. Una historia de la comunicación moderna. Espacio público y vida privada. México: Gustavo Gilli, 1993.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. O novo século: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

\_\_\_\_. A estética da recepção: colocações gerais. In COSTA LIMA, Luiz. A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: COSTA LIMA, Luiz. A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_. Conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.

MATTELART, Armand. Comunicação-mundo. História das idéias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_; MATTELART, Michele. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

\_\_\_\_; FIORE, Quentin. El medio es el mensaje. Un inventario de efectos. Buenos Aires: Paidós, 1997.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. O rádio na era da informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Rádio – palanque. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

\_\_\_\_. O rádio nos anos 30 nos EUA: o entorno de A guerra dos mundos. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998.

\_\_\_\_. [Rádio@internet](#). In: ZAREMBA, Lilian; BENTES, Ivana (Orgs.). Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999.

\_\_\_\_; DEL BIANCO, Nélia (Orgs.). Desafios do rádio no século XXI. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POOL, Ithiel de Sola. Discursos e sonidos de largo alcance. In: WILLIAMS, Raymond (Org.). Historia de la comunicación. De la imprenta a nuestros días. Barcelona: Bosch, 1992.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. História da vida privada. Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROBERTS, J. M. O livro de ouro da história do mundo. Da pré-história à idade contemporânea. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

SARTORI, Carlo. Rádio, um veículo para todas as ocasiões. In: GIOVANNINI, Giovanni (Org.). Evolução da comunicação. Do sílex ao sílcio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3)

\_\_\_\_\_. A corrida para o século XXI. No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando séculos; 7)

SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: \_\_\_\_ (Org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 1994.

ZAREMBA, Lilian. Idéia de rádio: entre olhos e ouvidos. In: ZAREMBA, Lilian; BENTES, Ivana (Orgs.). Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999.

ZILBERMAN, Regina. Estética da recepção e história da literatura. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Fim do livro, fim dos leitores? São Paulo: SENAC, 2001. (Ponto futuro; 3)

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002